

“Escreva para mim...”: marcas da dor na escrita de adolescente em sofrimento psíquico

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3904>

Cristiane Carneiro Capristano¹
Roberta Vieira²

Resumo

Com base em uma visão linguístico-discursiva de linguagem e de escrita, este artigo apresenta a análise de um acontecimento (Pêcheux, 2015) escrito por uma adolescente que vivenciava intensa dor psíquica e tinha histórico de realização de autolesões – cortes e outras escarificações autoprovocadas na pele (Le Breton, 2010) e de tentativa de suicídio. Nesta pesquisa, de natureza qualitativa, com epistemologia interpretativista, buscou-se identificar e compreender o funcionamento de fragmentos discursivos presentes nesse acontecimento escrito que, de diferentes maneiras, sinalizavam para a emergência de negociações do sujeito escrevente com a dor, sobretudo quando a dor se mostrava na escrita da adolescente como corte (e outras escarificações na pele) e como morte (pensamentos suicidas).

Palavras-chave: dor; escrita; alteridade.

1 Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná, Brasil; capristano1@yahoo.com.br; <https://orcid.org/0000-0003-1225-5716>

2 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; roberta.cr.vieira@unesp.br; <https://orcid.org/0009-0009-0311-6774>

“Write to me...”: Marks of pain in the writing of a teenager in psychological distress

Abstract

Based on a linguistic-discursive view of language and writing, this article presents the analysis of an event (Pêcheux, 2015) written by an adolescent who was experiencing intense psychological pain and had a history of self-injury – cuts and other self-inflicted scarifications on the skin (Le Breton, 2010). This qualitative research, grounded in an interpretative epistemology, sought to identify and understand the functioning of discursive fragments present in this written event that, in different ways, signaled the emergence of negotiations between the writing subject and pain, especially when the pain appeared in the adolescent’s writing as cutting (and other scarifications on the skin) and as death (suicidal thoughts).

Keywords: pain; writing; alterity.

Introdução

“Escrever é uma forma de sangrar”
(Evaristo, 2014, p. 109)

Neste artigo, fazemos a análise de um registro escrito por uma adolescente que vivenciava intenso sofrimento psíquico e apresentava, como sintomas deste sofrimento, a realização de autolesões e de tentativas de suicídio. Tais sintomas levaram a adolescente ao atendimento em um Centro de Atenção Psicossocial infantojuvenil (CAPSij), local em que, dentre outras atividades terapêuticas, foi convidada a escrever sempre que tivesse pensamentos relacionados com qualquer prática autolesiva.

A autolesão é considerada, pela literatura biomédica, como um comportamento intencional de dano, de modo autoinfligido, na superfície do corpo. Pode causar sangramento ou contusão. Alguns exemplos de práticas autolesivas são cortar – apontada como a prática mais frequente –, queimar, bater ou esfregar excessivamente a pele (Associação Americana de Psiquiatria, 2023; Guerrero *et al.*, 2024). As autolesões estariam associadas a outras formas de dor ou de sofrimento como depressão, ansiedade, dificuldades nas relações interpessoais e transtornos alimentares. Estariam ainda relacionadas a dificuldades na chamada regulação emocional e seriam realizadas como uma estratégia de enfrentamento diante de “[...] estados de dor psicológica avassaladora [...]” (Park, Wyman, Beauchaine, 2023), fornecendo uma forma de alívio para a dor (Guerrero *et al.*, 2024).

A nomenclatura biomédica atual para as autolesões é “Autolesão Não Suicida” (Associação Americana de Psiquiatria, 2023). Apesar desta nomenclatura, seguida da descrição diagnóstica de ausência de intenção suicida durante a realização dos cortes, há muitos estudos que apontam para a relação entre a autolesão e os pensamentos suicidas (ver, por exemplo, Park; Wyman; Beauchaine, 2023). Inclusive o próprio Manual Diagnóstico de Doenças Mentais (DSM – V) indica que quem pratica autolesões pode ter tendências a tentativas de suicídio (Associação Americana de Psiquiatria, 2023). Ainda na literatura biomédica, a expressão “comportamento suicida” é utilizada para caracterizar “[...] indivíduos que se envolveram em comportamento potencialmente autolesivo com pelo menos alguma intenção de morrer como resultado do ato” (Associação Americana de Psiquiatria, 2023, p. 824).

Vemos, em concepções teóricas que advém da área biomédica, que a autolesão e a tentativa de suicídio estão intrinsecamente relacionadas e são classificadas de acordo com a intencionalidade do indivíduo (ter ou não a intenção de morrer, no ato da autolesão). Outro olhar é encontrado em teorias provenientes da antropologia e da psicanálise. Le Breton (2010) nomeia as autolesões como escarificações na pele e as entende como uma maneira de significar, no corpo, a dor vivenciada. O autor estabelece relações de distanciamento entre as escarificações e as tentativas de suicídio, propondo que o sujeito que se corta pede pela vida. As escarificações no corpo seriam, assim, uma forma de se manter vivo, apesar da intensa dor vivenciada (Le Breton, 2010). O autor também afirma que as escarificações ocorrem quando não é possível significar a dor psíquica pela linguagem, “Onde as palavras falham, o corpo fala [...]” (Le Breton, 2010, p. 27).

A tentativa de suicídio, por sua vez, “denuncia uma extrema situação de dor psíquica, na qual o eu é atacado por intensidades traumáticas que põem em risco sua existência” (Macedo, 2019, p. 209). Macedo (2019), assim como Le Breton (2010), estabelece relações entre autoagressões/tentativas de suicídio e a linguagem, afirmando que esta poderia afastar o sujeito das repetidas autoagressões que o levariam à morte: “por meio da palavra o sujeito pode tornar-se *enuncia-dor*, rompendo assim o modelo paralisante do traumático [...]” (Macedo, 2019, p. 220, grifo da autora).

Nas delimitações feitas na literatura antropológica e psicanalítica, se pode observar um afastamento da concepção de sujeito intencional/consciente, presente na literatura biomédica. Enquanto na última a relação entre autolesão e tentativas de suicídio é caracterizada pela intencionalidade (ferir-se com ou sem intenção de morrer), nesta vemos o sujeito do inconsciente, constituído em (sua) relação com a dor. Logo, a autolesão e as “tentativas” de suicídio seriam modos de significar, no corpo, a dor vivenciada.

Ainda nesta concepção, encontramos apontamentos que relacionam a dor significada no corpo e a linguagem. Partindo dessa possibilidade de relação, neste artigo nos apoiaremos no modo como a antropologia e a psicanálise concebem as marcas da dor

significadas no corpo e, entendendo que a dor pode ser (re)significada também de outras maneiras, analisaremos marcas da dor que possam ser identificadas no fio do discurso, em particular, quando a dor se mostra na escrita de uma adolescente que foi atendida em um CAPSij, por meio da identificação e do exame de fatos linguístico-discursivos nos quais se possa ver relações com a autolesão e com as chamadas tentativas de suicídio.

Chamaremos as marcas da dor caracterizadas como autolesão de marcas de *corte*, por ser o ato de cortar-se o modo mais frequente de escarificação no corpo, lembrando que outras formas de ferir a si mesmo também serão concebidas com essa nomenclatura. Já as chamadas tentativas de suicídio terão, aqui, olhar ampliado para os pensamentos suicidas. Como veremos adiante, a adolescente que realizou os escritos tem histórico de tentativas de suicídio, mas não as está praticando enquanto escreve. A não tentativa não apaga, no entanto, escritos que apontariam para possíveis pensamentos relacionados a tais tentativas. Chamaremos a significação da dor marcada por pensamentos suicidas como marcas de *morte*.

Partimos do pressuposto de que a escrita pode se constituir como um lugar privilegiado para a (re)significação da dor. Essa pressuposição sustenta-se em um modo particular de entender a escrita: ao mesmo tempo, como um *modo de enunciação* e como um *acontecimento*. Entender a escrita como *modo de enunciação* é uma forma de conceder a ela um estatuto semelhante ao estatuto que, em geral, é atribuído exclusivamente ao modo de enunciação oral. Como sublinha Corrêa (2013), o modo de enunciação oral é frequentemente compreendido como um “fenômeno plasmado nas suas próprias realizações concretas em gêneros e textos falados, em enunciados e palavras pronunciadas” (Corrêa, 2013, p. 68). Na contramão dessa compreensão, a escrita, quando tomada exclusivamente como um sistema não autônomo é, em geral, tida como um código e identificada meramente como uma forma cuja função precípua seria a de representar a língua ou a fala, quase sempre uma forma desvinculada do tempo, do espaço e do sujeito que enuncia (Corrêa, 2013, p. 68). Seguindo a proposta de Corrêa (2013), podemos afirmar que, assim como o modo de enunciação oral, a escrita não é meramente um código de transcrição, mas “se reinstala, no mundo social, por meio de encontros, sempre inéditos, entre os participantes do discurso” (Corrêa, 2013, p. 68); ela é, pois, entendida como um “fenômeno plasmado nas suas próprias realizações concretas”, em gêneros e textos escritos, em enunciados e palavras registradas.

Ainda que “plasmada nas suas próprias realizações concretas”, não se pode esquecer que a escrita tem “natureza histórico-discursiva” (Corrêa, 2013, p. 69) e se materializa como acontecimento, ou seja, como “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (Pêcheux, 2015, p. 16). Como acontecimento, a escrita depende das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais irrompe e marca sempre “a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos” (Pêcheux, 2015, p. 56). Dito de outro modo, a escrita é um acontecimento na medida em que, ao se presentificar

no mundo social (historicamente constituído), por meio de encontros inéditos entre os participantes do discurso, (re)produz sentidos e, ao mesmo tempo, pode provocar rupturas em sentidos já estabilizados. Está, pois, sempre aberta à repetição, mas, igualmente, à transformação, à deriva e à dispersão dos sentidos (Tfouni, 2021), já que todo o enunciado, seja falado ou escrito:

[...] é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação (Pêcheux, 2015, p. 53).

A análise central proposta neste artigo concebe a escrita como acontecimento e, no interior deste, entendemos que certos fragmentos permitem localizar pontos em que se encontram uma atualidade – marcada linguisticamente; e uma memória – construída na e pela história. Propomos, portanto, uma releitura do conceito de Pêcheux (2015) para conceber o escrito da adolescente como um acontecimento, no interior do qual há fragmentos que marcam relações entre atualidade e memória discursiva. Serão analisados os fragmentos sobre corte e morte, presentes no interior do acontecimento escrito selecionado.

Subjacente a esse modo de conceber a escrita, inclui-se, também, um modo de conceber o sujeito escrevente e sua relação com a alteridade que o determina e o constitui. Partindo de uma visão linguístico-discursiva de linguagem, entendemos que o dizer do escrevente é constitutivamente atravessado pelo Outro³, ou seja, o sujeito não é a origem/fonte do (seu) dizer e dos sentidos que produz; “[...] não é uma entidade homogênea exterior à linguagem, mas o resultado de uma estrutura complexa, efeito de linguagem: sujeito descentrado, dividido, clivado” (Authier-Revuz, 1990, p. 28). Nesse sentido, o sujeito escreve a partir de posições ideológicas que o atravessam e, fundamentalmente, está despossuído do controle do seu dizer: sob as suas palavras, sempre “[...] ‘outras palavras são ditas’ [...]” (Authier-Revuz, 2004, p. 69). Quando escreve, o sujeito está, pois, submetido à língua, ao inconsciente e à história e, conseqüentemente, se constitui por meio dessas determinações linguísticas, psíquicas e históricas.

3 O Outro, neste artigo, é considerado a partir da interpretação e da apropriação feitas por Authier-Revuz (1990, 2004, dentre outros), no campo das teorias do discurso, das contribuições da psicanálise lacaniana: o Outro é o discurso do inconsciente, lugar de onde emanam as determinações simbólicas da história do sujeito, que se manifesta, submetido às deformações da censura, nos sonhos, nos lapsos, nos sintomas, nos chistes... sendo da ordem do simbólico. O Outro não é, portanto, o outro (minúsculo), aqui entendido como aquele do já dito, cujas palavras se marcam enquanto o sujeito – na ilusão de ser “eu” –, fala ou escreve e/ou, ainda, o outro da interlocução, aquele que o “eu” (em sua ilusão de centralização) imaginariamente projeta como seu “interlocutor” (Authier-Revuz, 2011).

O sujeito não é, também, mecanicamente assujeitado a essas determinações, já que as ideologias, o inconsciente e a língua que o interpelam e o constituem falham; neles, sempre há frestas e é nessas frestas que se pode entrever a singularidade histórica de cada enunciado, de cada enunciação e de cada sujeito. Dito de outro modo, o assujeitamento a essas determinações “[...] também pressupõe o movimento dos sujeitos nas teias dos sentidos” (Alvarez, 2024, p. 64), uma vez que, por exemplo, estes sujeitos podem se “identificar, contraidentificar e desidentificar com os saberes das formações discursivas nos quais se inserem” (Alvarez, 2024, p. 64).

Neste artigo, interessa-nos observar a emergência dessas frestas e movimentos nos quais se poderia divisar os diferentes modos de negociação – no sentido de Authier-Revuz (2004)⁴ do eu com a alteridade (o Outro e os outros) que o constitui. Essas frestas e movimentos, do nosso ponto de vista, podem ser captados nas “escolhas” linguístico-discursivas feitas pelo sujeito quando “diz sobre a (sua) dor”; nessas escolhas, nas quais, por exemplo, emergem palavras enquanto outras se apagam, supomos se manifestar a necessária negociação imaginária do sujeito com a alteridade que o atravessa e da qual ele não pode, nem consegue, escapar.

Tendo como ponto de partida as balizas teóricas apresentadas até aqui, nosso objetivo, neste artigo, é analisar marcas da dor que possam ser identificadas no fio do discurso, olhando para a relação entre o eu (sujeito) em alteridade com a dor (um Outro da adolescente em sofrimento psíquico cujos escritos analisamos), especificamente quando a dor se mostra na escrita como corte (e outras escarificações na pele) e como morte (pensamentos suicidas).

Material e método

Investigamos um acontecimento escrito resultante de um trabalho terapêutico desenvolvido em um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSij). Trata-se de acontecimento escrito de uma adolescente de 15 anos, que foi encaminhada ao CAPSij após internação hospitalar, devido a ocorrências de autolesões, tentativa de suicídio e sinais físicos de restrições alimentares exacerbadas. Os pais relataram que já havia ocorrido internação anterior devido tentativa de suicídio, por meio de ingestão de substância tóxica. Quando iniciou o atendimento no CAPSij, os cortes na pele e os pensamentos relacionados à morte (pensar em se suicidar) eram a queixa principal da

4 O termo “negociação” é empregado com variados sentidos, tanto no senso comum como na literatura especializada. Neste artigo, a proposta é de compreendê-lo a partir do trabalho de Authier-Revuz (2004, dentre outros). Em seus trabalhos, a autora define a negociação não como um modo racional de resolução de conflitos, como se pode ver em perspectivas teóricas de caráter mais interacional, mas, outrossim, como efeito, no dizer, do jogo do não-um, jogo que, por exemplo, independe da intencionalidade do sujeito e tem caráter obrigatório (é uma *negociação necessária*), já que afeta irredutivelmente o enunciador e o seu dizer (Authier-Revuz, 2004, p. 85-86).

adolescente e de seus pais. Ao longo do processo terapêutico, uma das terapeutas (a fonoaudióloga) convidou a adolescente a escrever para ela, quando tivesse pensamentos relacionados com possíveis auto ferimentos: "Quando pensar em se cortar, escreva uma carta para mim".

A adolescente aderiu à proposta e produziu 29 acontecimentos escritos ao longo de 1 ano (entre 2020 e 2021)⁵. Tais acontecimentos, registrados de modo digitalizado, pelo celular, foram enviados via WhatsApp a um equipamento (*tablet*) do serviço (CAPSij). Nos acontecimentos escritos, emergiram questões relacionadas diretamente aos cortes na pele e a pensamentos que podem ser entendidos como suicidas; questões em que se marcava a relação conflituosa com a alimentação e a relação, também conflituosa, com o corpo/imagem corporal; e, ainda, relatos de conflitos familiares e conflitos vivenciados no ambiente escolar. Havia, também, marcas, na escrita, relacionadas a projeções em relação ao futuro, envolvendo principalmente estudo e trabalho.

Para este estudo, selecionamos apenas um dentre os 29 acontecimentos escritos entre 2020 e 2021. A seleção se deu por se tratar de um acontecimento que permitia uma análise qualitativa. Foram usados dois critérios de seleção: (a) data do envio; (b) extensão do texto, a fim de privilegiar o primeiro acontecimento mais extenso enviado pela adolescente. Por se tratar de análise qualitativa, entendemos que os primeiros acontecimentos escritos enviados poderiam conter mais momentos de significação da dor, uma vez que se tratava do início do período de atendimento institucional da adolescente. Por se tratar de análise preliminar dos dados, que futuramente irão compor uma tese de doutorado (que está em curso), procuramos privilegiar um acontecimento de maior extensão, que poderia ampliar as possibilidades de análise por conter maior número de marcas linguísticas em que a dor se mostra como corte e como morte.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, com epistemologia interpretativista e busca, no acontecimento selecionado, fragmentos discursivos que, de diferentes maneiras, sinalizavam, no fio do discurso, a emergência de uma negociação com a dor, marcada pelo corte e pela morte. Também em termos metodológicos, a pressuposição de partida é a de que a condição essencial da produção e da interpretação de um acontecimento não é passível de inscrição na esfera individual do sujeito psicológico. Ela reside, de fato, na existência de um corpo histórico de traços discursivos que constituem o espaço de memória do acontecimento.

5 Para que os acontecimentos pudessem ser concebidos como dados de pesquisa, nossa investigação foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), com inscrição 75243723.6.0000.5466. Após aceitar participar da investigação, o responsável pela adolescente e ela própria (agora com idade maior que 18 anos) assinaram Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Análise e resultados

Optamos por, primeiramente, apresentar ponderações sobre a constituição do acontecimento selecionado e indicar as tendências mais gerais observadas em fragmentos sobre corte e sobre morte localizados para análise qualitativa. Em seguida, organizamos a análise em dois momentos: na seção (a), analisamos fragmentos nos quais a dor se mostra na escrita como corte (e outras escarificações na pele) e, na seção (b), fragmentos nos quais a dor se mostra como morte.

No acontecimento escrito selecionado para a presente reflexão (cf. Anexo), visto como um todo, vemos despontar o relato de um conflito familiar, marcado especialmente por discordâncias entre a adolescente e seu pai e por tentativas do que pode ser interpretado como apaziguamento do conflito, pela mãe da adolescente. Há, ainda, marcas linguísticas que remetem a situações que ocorreram anteriormente, nas sessões terapêuticas, relacionados à alimentação e, ainda, à possibilidade de a adolescente encontrar um emprego. Ocorrem também descrições do ambiente físico em que a adolescente se encontrava (sua residência). Além disso, está fortemente marcada a relação com a dor, vivenciada em meio ao conflito familiar, que faz pano de fundo ao todo do acontecimento. As marcas que privilegiamos em nossa análise são, como antecipado, aquelas nas quais observamos a presença de duas formas de significação da dor, também descritas anteriormente: o corte e a morte. Identificamos 06 fragmentos discursivos nos quais podemos ver significações da dor, como sintetiza o Quadro 1⁶:

6 Os fragmentos foram retirados do acontecimento escrito da adolescente e foi mantida a mesma redação proposta por ela, sem correções de nenhuma natureza, sejam gramaticais, gráficas (digitação, espaçamento etc.) ou ortográficas.

Quadro 1. Fragmentos discursivos

Modos de significação da dor	Quantidade	Fragmentos discursivos identificados
Corte	01	eu peguei uma lâmina de barbear pra me contar consegui fazer só um risquinho na pele
Morte	05	falei acaba logo com isto me mate
		eu não sei se quero continuar tentando
		eu não sei pocha com eu queria poder decidir a minha vida só falta 3 anos para mim ser maior de idade mais não sei se vou aguentar esperar muito tempo
		sabe quando bate quelé arrependimento de der melhorado da anorexia nervosa
		estou com uma vontade de pegar meus medicamentos e tomar tudo de uma vez mais pra chegar a coisa é meio difícil pois com o chão e de madeira faz muito barulho aí eles vão perceber os meus remédios fica encima do armário da cozinha mais acho que vou tentar dormir pra ver se passa

Fonte: Elaboração própria

Em uma primeira análise, chama-nos a atenção a maior frequência de fragmentos discursivos nos quais a dor é marcada linguisticamente como morte (pensamentos de morte). Vale lembrar que a adolescente tem, em sua história, a ocorrência de ao menos uma internação hospitalar decorrente de tentativa de suicídio. No entanto, após início do tratamento no CAPSij, embora ainda ocorressem autolesões, a adolescente não apresentou mais nenhuma tentativa de suicídio que houvesse sido reportada. Tal fato, somado à maior frequência de fragmentos de morte, pode sugerir que, ainda que não tentasse se suicidar (não chegasse “às vias de fato”), os pensamentos de morte estavam presentes como modo de significar a dor. A adolescente realizaria, então, significações da dor marcadas diretamente no corpo – através de cortes – e significaria linguisticamente a dor escrevendo sobre tais cortes e escrevendo sobre os pensamentos suicidas – que se mostram linguisticamente em maior frequência que o modo de significação pelo corte.

Sobre tais modos de significar a dor, encontramos interpretações significativas em trabalhos que vêm de pesquisas da antropologia (por exemplo, Le Breton, 2010) e da psicanálise (por exemplo, Macedo, 2019). Tais trabalhos apresentam uma distinção entre o que chamam *atos de passagem* ou *acting out* (relacionados aos cortes/escarificações na pele) e de *passagem ao ato* (relacionado às tentativas de suicídio, ou seja, à morte). Segundo tais autores, o *ato de passagem* (*acting out*) estaria relacionado a uma busca inconsciente de restauração do laço social. Ele aproximaria o outro do eu, para manutenção da vida, uma vez que, quando ocorre um corte, a pele é marcada. Concebendo a pele como o

revestimento que marca o dentro e o fora do corpo (uma forma de alteridade), podemos entender que o corte apontaria para um encontro entre dentro/fora, aproximando o eu (lado de dentro) e o Outro (lado de “fora”), numa (re)significação para a vida. O corte teria, assim, efeito de alteridade. Em contrapartida, a *passagem ao ato* apontaria para a ruptura do laço social. Entendida como uma “modalidade [...] que caracteriza a tentativa de suicídio” (Macedo, 2019, p. 1), ela denunciaria uma situação de dor psíquica extrema, na qual “[...] o eu é atacado por intensidades traumáticas que põem em risco sua existência.” (Macedo, 2019, p. 1). A *passagem ao ato* seria, portanto, uma modalidade de resolução de uma tensão interna; “um deslizamento do adolescente para fora da cena social [...]” (Le Breton, 2010, p. 33).

Se, na *passagem ao ato*, o adolescente está fora da cena social, podemos pensar que a relação com o outro (aquele da interlocução) estaria ameaçada. Estando o adolescente em distanciamento do encontro com o outro, a *passagem ao ato* “denunciaria uma situação de dor psíquica extrema” (Macedo, 2019, p. 1) que não pôde ser significada por palavras. Haveria uma possibilidade, nas tentativas de suicídio descobertas (e não consumadas), da significação da dor se dar por palavras, “se o jovem disso fala ou se as marcas de sua conduta são descobertas. Mas em todos os casos, em grau maior ou menor, o ato autoriza uma passagem, uma transição para a outra margem [...]” (Le Breton, 2010, p. 33).

Nos fragmentos encontrados, em que a morte significa a dor, entendemos que, além de não haver a *passagem ao ato* (pois não houve a tentativa de suicídio), as palavras possibilitaram (re)significação. Podemos inferir, diante da alta emergência da morte nos fragmentos analisados, que a oportunidade da escrita possibilitaria a (re)significação da dor como marca linguístico-discursiva, sendo possível marcar a dor sem que ela precise se marcar como *passagem ao ato*. Neste mesmo sentido, a possibilidade da (re)significação da dor na escrita pode favorecer a menor necessidade de significação da dor no corpo, como *ato de passagem*, ou seja, pelo corte.

A partir da análise mais geral dos fragmentos que remeteram ao corte e à morte, na sequência, passamos à análise qualitativa dos fragmentos selecionados.

(a) A dor ligada ao corte

Como já mencionado, identificamos, no acontecimento escrito aqui analisado, apenas um fragmento que remete ao corte:

1. eu peguei uma lâmina de barbear pra me contar consegui fazer só um risquinho na pele

Esse fragmento emerge como desfecho de um momento de grande tensão entre a adolescente e seus pais, momento no qual o pai teria agredido a filha física e verbalmente e a mãe teria agido no sentido de frear a agressão, o que teria gerado, segundo o relato

da adolescente, intensa raiva. Nesse fragmento, a dor retorna como “um já-dito tão imperiosamente sobrevivendo quanto ele é mal-vindo” (Authier-Revuz, 2011, p. 19), gerado pela atuação da relação do eu com os outros (outro/Outro) – caracterizados pela história familiar de conflitos, pelas posições sujeito ocupadas pelos lugares do pai e da mãe nesta relação, pelas outras ocasiões de cortes na pele anteriormente vivenciadas e, de modo mais escondido, porém talvez mais constitutivo, pela situação de vulnerabilidade social em que a família se encontrava, caracterizada por um pai que faz uso de álcool e uma mãe que está desempregada e ocupa lugar de submissão. Tais outros (outro/Outro) constituem o sujeito de tal modo que ele não pode, nem consegue, escapar.

Do ponto de vista linguístico, podemos dizer que há, neste enunciado, um aparente problema: depois da sequência “Eu peguei uma lâmina de barbear para me...”, a expectativa, criada pelas condições de emergência do enunciado, era a de que irrompesse o verbo “cortar”, numa alusão ao gesto de fazer inscrições cutâneas na pele com uma lâmina (as chamadas autolesões). No entanto, irrompe o verbo “contar”.

Uma possível explicação para a substituição do grafema R pelo grafema N seria a de que se trata de um erro de digitação. No entanto, existe uma importante distância entre essas letras no teclado, seja do computador, seja no celular, o que invalidaria a interpretação da substituição do grafema R pelo grafema N como um erro de digitação. Podemos pensar, ainda, em uma mudança ocasionada pelo corretor automático do sistema operacional dos aparelhos eletrônicos (celulares, *tablets*, computadores) que é feita, privilegiadamente, a partir de três critérios: (1) localização de erros ortográficos que produzem “palavras” não existentes nos dicionários (como em “exemplo” e “exmplo”); (2) identificação dos chamados “erros de palavra real” – ocasiões em que a palavra digitada existe, mas não é adequada ao contexto (como em “mais” – “mas”) e, por fim, (3) aprendizagem de padrões de erro a partir de um *corpus* de treinamento – ocasiões em que são consideradas a extensão e a frequência das palavras digitadas (Hládek; Staš; Pleva, 2020). Entre as palavras “cortar” e “contar” não se aplica o primeiro critério, pois ambas estão grafadas corretamente e existem em dicionários. Em relação ao critério 2, caso o contexto semântico fosse considerado, a palavra cortar teria preferência na escolha, pela presença da palavra lâmina pouco antes. Já o critério 3 esbarraria na questão da extensão exatamente igual de ambas as palavras, não havendo justificativa da correção automática de uma palavra pela outra a partir deste critério.

De posse dessas informações, entendemos que é preciso considerar que a substituição do grafema R pelo grafema N pode funcionar como uma pista da constituição duplamente heterogênea desse dizer, no sentido em que é constitutivamente determinado, atravessado, penetrado, ao mesmo tempo, pelo outro, na interlocução com a terapeuta (escreva para mim...) e pelo Outro, aqui entendido como a dor. Quando se propõe a escrever para a terapeuta, o sujeito/escrevente/adolescente se dispõe a contar suas dores (de modo escrito) e, assim, não as significar somente por meio dos cortes no corpo. Podemos

pensar que a *dor* (o Outro) circula, nesse fragmento, *pari passu* com o *corte*, mas emerge (re)significada e atravessada pela relação eu-outro, ou seja, pelo inevitável efeito da imagem que a escrevente pode ter construído da (sua) relação com a terapeuta e com a própria escrita. No lapso entre “cortar” (ato físico no corpo) e “contar” (ato simbólico na linguagem), ocorre uma deriva. O sujeito não escolhe o equívoco; ele é “falado” por ele. Ampliando um pouco mais o olhar para esse fragmento, temos:

eu peguei uma lâmina de barbear pra me contar (1) consegui fazer só um risquinho na pele aí (2) eu acabei perdendo a lâmina

Dois fatos chamam a atenção nesse fragmento ampliado e permitem ratificar nossas hipóteses. Primeiro, a relação de justaposição entre “*eu peguei uma lâmina de barbear pra me contar/cortar*” e “*consegui fazer só um risquinho na pele*”. Entre esses dizeres não há um conectivo (juntor) relacionando explicitamente à primeira ação narrada (pegar a lâmina) e a segunda (conseguir apenas fazer um risquinho). Sob esse prisma, a relação entre essas ações é, *portanto*, “falha”, porque o sentido “balança” entre elas, sem o amparo de uma conjunção que explicita o que se pode interpretar como uma relação de causa/consequência. A falha reside, pois, no fato de não ser possível preencher o hiato entre a sua pressuposta “intenção” (*pegar a lâmina para se cortar*) e o resultado dela (*fazer só um risquinho na pele*). O sentido “escapa” no silêncio entre as duas ações e mostra que a escrevente e a (sua) escrita encontram-se atravessadas por uma impossibilidade de dizer o que realmente aconteceu naquele intervalo. Reforça essa interpretação a presença do advérbio “só”, em “só um risquinho”. O “só” qualifica o “risquinho” como uma espécie de resíduo e indicia que havia uma expectativa de plenitude (o corte profundo) que não se realizou: o sujeito não conseguiu cortar tudo o que queria, nem contar tudo o que sentia.

Outro fato importante se mostra na relação sintático-semântica instaurada pela emergência de “aí” em (2). Do ponto de vista gramatical, o “aí”, em geral, tem valor primordialmente temporal, mas, neste fragmento, a nosso ver, acaba por funcionar como um juntor de contraste, com valor adversativo, constituindo o alicerce para a apresentação de uma contraexpectativa e instaurando um ponto de deriva, já que ajuda a quebrar a cadeia de casualidade pela inclusão de uma ação inesperada “*acabei perdendo a lâmina*”. Ou seja, como consequência da dupla ação evocada pelo registro do verbo “cortar” como “contar”, a escrevente registra “acabei perdendo a lâmina”, registro que permite a interpretação de que é a perda do objeto (lâmina) o que impede o desejo de cortar, que opera junto com o desejo de contar. É necessário considerar, ainda, que o “aí” é um substituto funcional de “mas” e/ou “contudo”. Muito provavelmente, ele se manifesta para justificar a interrupção de um processo (cortar) que já estava atravessado por outro (contar), reorientando a argumentação: da tentativa de autolesão para a “perda” (misteriosa!) do instrumento (a lâmina). A emergência do “aí” em vez de “mas”, “contudo”, “todavia”, não seria, pois, apenas o registro da “fala informal” da adolescente – interpretação comum em perspectivas que entendem fatos como a presença do “aí” na escrita como mera “interferência” da fala (informal) na escrita –, mas uma forma de suavização do contraste (mais marcada em

“mas”, “contudo” etc.), como se “perder a lâmina” fosse um “golpe do destino”, um evento (factual, banal) que se impôs ao sujeito e não exatamente uma decisão tomada com plena “consciência” (consciência apenas do ponto de vista de quem escreve, em sua ilusão subjetiva de controle).

(b) A dor ligada à morte

Conforme antecipamos, foram encontrados 05 fragmentos em que a dor se marca, na escrita, como morte. Vejamos cada um deles de acordo com a sequência em que emergem no interior do acontecimento escrito:

2. falei acaba logo com isto me mate

Este fragmento emerge logo após a narrativa de um conflito entre a adolescente/escritora e seu pai. Não há, explicitamente, uma relação com pensamentos suicidas. Na ocasião da discussão, a adolescente diz ao pai que este poderia matá-la. A cena pode ser entendida como bastante comum em relações entre pais e adolescentes nos momentos de contrapontos. A emergência do verbo “mate” poderia sinalizar para a relação de alteridade entre eu-Outro (dor representada como morte), mas não seria suficiente para sustentar tal atribuição de sentido. No entanto, estreitando o olhar para o fragmento em questão, chama-nos particularmente a atenção a presença do pronome demonstrativo “isto”⁷, cuja referência, aqui, é bastante indeterminada, do ponto de vista linguístico-discursivo: o pronome “isto” pode retomar anaforicamente o que se mostra, no fio do discurso, imediatamente anterior a ele (o conflito entre pai e filha); pode, ainda, aludir (e, nesse sentido, presentificar, por um efeito de memória) o Outro constitutivo do discurso (a dor) – no sentido de “acabe logo com esta dor”. Depois dessa indeterminação, irrompe o que seria a resolução do conflito (apontado na briga com o pai e retomado na alteridade com a dor): a morte. Vejamos como a morte se mostra linguisticamente no fragmento seguinte:

3. eu não sei se quero continuar tentando

Neste fragmento, chama-nos a atenção a ausência de complemento após a locução “continuar tentando”. O verbo “tentar”, núcleo dessa locução, é semanticamente incompleto por definição. Tradicionalmente, diz-se que ele expressa uma intenção ou esforço

7 Do ponto de vista estritamente gramatical, “isto” faz parte do grupo que se costuma chamar de “pronomes demonstrativos”, cuja finalidade é indicar a posição dos seres com relação às três pessoas do discurso. No caso específico do “isto”, trata-se de um pronome que deveria ser usado para fazer referência a algo ou a alguém que está perto da pessoa que fala. No entanto, essa prescrição gramatical não encontra paralelo absoluto no uso cotidiano, uma vez que o emprego desse e de outros pronomes demonstrativos “[...] escapa à correspondência estrita com as (não) pessoas do discurso e depende, bem mais, das relações afetivas e de proximidade ou distância que o escritor estabelece com o objeto, o tempo, o lugar e o evento discursivo designados” (Bagno, 2011, p. 792).

direcionado a uma meta ou ao alcance de um objetivo. Em termos de funcionamento linguístico-discursivo, o complemento de “continuar tentando” pode ser omitido se for recuperável pelo contexto (linguístico ou interacional). Seu uso sem complemento pode ter, também, o efeito de dar destaque para a atitude (o esforço em si) e não para o resultado de uma ação. Quando não recuperável e sem a “intencionalidade” de dar ênfase à atitude, o complemento de “continuar tentando”, geralmente, seria uma oração (proposição). Por exemplo, “não sei se quero continuar tentando [fazer terapia], [viver], [sobreviver em minha casa] etc.”. A nosso ver, no fragmento aqui considerado, a ausência de complementos (no contexto ou explicitamente registrados) abre para a deriva de sentidos e instala a dispersão. A expressão “continuar tentando”, sem complemento, funciona, pois, como um lugar vazio. Do ponto de vista funcional, falta um argumento; do ponto de vista discursivo, a lacuna é onde a dispersão atua. O sentido “se dispersa” entre o que a escrevente não disse (o interdito ou o não-sabido) e o que o outro pode pressupor, a partir das memórias discursivas que o constituem. Dito de outro modo: o esforço (continuar tentando) é enunciado, mas o objeto desse esforço encontra-se disperso em múltiplas possibilidades discursivas. A emergência de “continuar tentando” sem complemento, vago, lacunar pode ser, assim, um índice de um desejo que a escrevente não consegue nomear totalmente, aqui entendido como desejo de morte. Ressalta-se que o complemento pode estar elidido, não nomeado, mas ele continua existindo, embora disperso e abrindo para múltiplas possibilidades de sentido, para o “eu” e o “outro”. Vejamos movimentação semelhante no fragmento que segue:

4. *eu não sei pocha com eu queria poder decidir a minha vida só falta 3 anos para mim ser maior de idade mais não sei se vou aguentar esperar muito tempo*

Alguns fatos chamam a atenção nesse fragmento: (a) a relação sintático-semântica estabelecida pela conjunção “mas” entre as porções “só falta 3 anos para mim ser maior de idade” e “não sei se vou aguentar esperar muito tempo”; e (b) o registro não convencional de “mas” como “mais”. O uso da conjunção “mas”, registrada como “mais”, introduz entre as porções supramencionadas uma oposição. O sujeito quer esperar, *mas* há um limite, não especificado. A ausência de elementos textuais que permitam identificar a natureza do limite deixa um vazio e abre esse fragmento para a deriva e para a dispersão. Ou seja, o modo como foi estabelecida a relação entre essas duas porções textuais indicia que os sentidos desse fragmento se dispersam entre a impossibilidade de suportar a espera cronológica (3 anos para a maioridade) e a emergência de uma pulsão que aponta para a descontinuidade do próprio viver. Além disso, no registro não convencional de “mais” em vez de “mas” (registro ortográfico bastante comum), pode indicar um efeito de sentido importante: “mais” sugere uma adição, um excesso⁸. Ou seja, é possível cogitar que o registro de “mais”, em vez de “mas”, não é um mero “erro” ortográfico, mas sim um indício,

⁸ Essa hipótese nos parece viável porque, no mesmo acontecimento escrito aqui analisado (cf. Anexo), o “mas” (conjunção adversativa) é usado corretamente (do ponto de vista ortográfico), em fragmento imediatamente anterior “[...] sei que a minha situação não é muito difícil **mas** sinceramente hoje pra mim foi a gota da água”, e o “mais” (advérbio) é também usado corretamente (do ponto de vista ortográfico), em “e tudo **mais**”.

por um lado, que a escrevente já está saturada – uma vez que a espera não precisa ser apenas interrompida, ela é excessiva (sentidos que convivem no registro); e, por outro lado, como consequência dessa saturação, o registro não convencional sinaliza para a morte e para a finalização da vida, na medida em que a morte estaria no excesso do tempo de espera e, por extensão, no excesso de tempo para viver o que não se quer mais viver. Esses sentidos também podem ser vistos no enunciado a seguir.

5. *sabe quando bate quelé arrependimento de der melhorado da anorexia nervosa*

Com algum deslocamento de sentido, mas ainda se mostrando como morte, vemos, no fragmento (5), a relação com a memória discursiva em que emerge o diagnóstico de “anorexia”. Em sessões terapêuticas anteriores, a partir das quais o acontecimento em análise irrompeu, foram feitos relatos, por parte da adolescente, de que os cortes na pele, por ela praticados, foram iniciados após um período de melhora na (sua) relação com a alimentação. Considerando os cortes na pele como um modo de (re)significar a dor, o fragmento (5) permite levantarmos a hipótese de que a relação conflituosa com a alimentação poderia ser, também, um modo de significação da dor – que fora deixado de lado. Sendo a alimentação uma função vital para a sobrevivência humana, podemos atribuir, aqui, uma relação aproximada com a ideia da morte. Melhorar da *anorexia nervosa* seria um modo de não morrer. Em contrapartida, arrepender-se de melhorar da anorexia marcaria a relação com a dor/morte. Portanto, há, no fragmento em questão, um apontamento para a relação eu-outro (leitor/terapeuta), pois vem à tona a questão alimentar (assunto que era conversado nas sessões de terapia) e emerge a relação eu-Outro (dor), marcada como arrependimento por comer/viver. Nesse sentido, a emergência de “arrepender-se de melhorar” promove uma ruptura na evidência do sentido estabilizado pelo discurso médico-terapêutico hegemônico, que pressupõe a cura como um bem absoluto e universal. Para a adolescente, a melhora da anorexia nervosa não parece estar restrita à recuperação de uma função biológica, mas configura-se como uma perda de um lugar de significação da dor.

Essa hipótese se sustenta não só pela menção explícita ao arrependimento de ter melhorado da anorexia nervosa, mas também pelo modo como, linguística e discursivamente, essa menção emerge neste acontecimento. Ela emerge depois da irrupção de “sabe”, que, no acontecimento escrito aqui analisado, parece funcionar inicialmente como um marcador conversacional, cuja função tradicional seria a de convocar o interlocutor. Nesse fragmento, a convocação não é, no entanto, meramente conversacional, ou seja, não é apenas um exercício, pela escrevente e por sua escrita, da função fática. Parece constituir, na verdade, uma forma de interpelação que convoca o interlocutor (outro/terapeuta) a partilhar de uma memória discursiva traumática. A adolescente parece convocar o interlocutor (o outro/terapeuta) para um lugar de *reconhecimento*, e não de *entendimento*, pois, se o interlocutor “sabe”, o sujeito não será julgado pelo que poderia soar absurdo: “arrepender-se de melhorar”. Ao convocar o interlocutor por meio do marcador “sabe”, o

sujeito projeta uma ponte, buscando um reconhecimento que suspenda o julgamento moral e valide a anorexia como constituinte de sua subjetividade e um lugar que foi um importante para a significação da dor.

Por fim, no último fragmento encontrado, a significação da dor como morte é explicitada, como veremos a seguir.

6. *estou com uma vontade de pegar meus medicamentos e tomar tudo de uma vez mais pra chegar a coisa é meio difícil pois com o chão e de madeira faz muito barulho aí eles vão perceber os meus remédios fica encima do armário da cozinha mais acho que vou tentar dormir pra ver se passa*

Nesse fragmento, três fatos nos chamam a atenção: (a) a emergência de menção ao uso de medicamentos, no trecho *estou com uma vontade de pegar meus medicamentos e tomar tudo de uma vez* – menção direta ao suicídio; (b) a ambiguidade envolvendo o trecho *“pra chegar a coisa é meio difícil”* e, por fim, (c) o uso do “mas” registrado como “mais”, com sentido de contraste. Vejamos cada um desses fatos.

Em (a) vê-se, na atualidade do acontecimento, menção a “tomar os medicamentos de uma só vez”. Essa menção, presente na materialidade linguística, evoca uma memória discursiva relativa às práticas autolesivas – que podem levar à morte –, especificamente, ao uso excessivo de medicamentos (Brasil, 2024). Neste fragmento, o já dito do discurso do campo da Saúde Mental ecoa, por efeito de memória, no dizer do um (escrivente) e marca a relação eu-Outro, mais uma vez sendo a dor significada como morte.

Na sequência do fragmento, temos uma ambiguidade envolvendo o trecho *“pra chegar a coisa é meio difícil”*, trecho que, a nosso ver, permite, no mínimo, duas atribuições de sentido. A primeira seria *“pra chegar, a coisa é meio difícil”*. Nessa primeira leitura, o verbo “chegar” assume um comportamento intransitivo, funcionando como o núcleo de uma oração subordinada adverbial reduzida de infinitivo “Pra chegar” que, por sua vez, atua como um adjunto adverbial e serve de moldura para a oração matriz *“a coisa é meio difícil”*; o sintagma nominal “a coisa” encontra-se, aqui, fora do domínio sintático do verbo “chegar”, operando como um sujeito pleno da oração matriz. A pausa (na fala ou na leitura desse trecho) ou vírgula (em um eventual registro convencional) sinalizaria uma fronteira, ao mesmo tempo prosódica, sintática e semântica, que isolaria a oração “Para chegar”, estabelecendo “a coisa” como a entidade sobre a qual se predica uma dificuldade. Os sentidos, nessa leitura, se dispersariam em possibilidades como: “chegar ao local em que os medicamentos estariam guardados seria difícil” ou, ainda, “chegar ao suicídio seria difícil”. Já a segunda possibilidade de atribuição de sentido, *“pra chegar à coisa, é meio difícil”*, “chegar” pode ser interpretado como um verbo transitivo (frequentemente associado ao sentido causativo de “aproximar” ou “fazer chegar”) e o sintagma nominal “a coisa” assume a função de objeto direto do verbo chegar. Nessa leitura, a palavra “coisa” se mostraria como um substantivo vazio que substitui o objeto direto da ação (do verbo

chegar) que, pressupostamente, poderia ser, na dispersão de sentidos aqui instalada, a ingestão dos medicamentos e/ou o conseqüente ato do suicídio. Na multiplicidade de sentidos emergentes nessa ambigüidade estrutural, vê-se, pois, a dispersão. Embora, no fato (a), a significação da dor como morte seja escancarada na materialidade linguística, a dispersão (vista no fato b) se instaura e impõem algum tipo de dificuldade ao ato de morrer.

Por fim, o fato (c) seria a irrupção do juntor “mas” (registrado como “mais”), nos momentos “*tomar tudo de uma vez **mais** pra chegar a coisa é meio difícil*” e “*meus remédios fica encima do armário da cozinha **mais** acho que vou tentar dormir pra ver se passa*”. Como já antecipado, o registro “mais” poderia apontar para o sentido de excesso (de dor, de conflitos, de tempo de espera, de dificuldades). Outra possibilidade seria de “mas” estabelecer contraste entre morrer (a partir do uso exagerado de medicamentos) e afastar-se da morte. No primeiro trecho, a palavra “mas” contrasta com a morte pela dificuldade de chegar ao local em que estariam os medicamentos; no segundo trecho, há a explicitação do local em que tais medicamentos estão (em cima do armário) e a possível desistência em alcançá-los (vou dormir pra ver se passa). A emergência do juntor “mas” com sentido de contraste, no final deste fragmento (que coincide com o final no acontecimento escrito), marcaria um afastamento (naquele momento) da ideia de morte. Neste caso, a morte seria significada na escrita e não passaria pelo corpo (pela tentativa de suicídio propriamente dita).

Considerações finais

No acontecimento escrito analisado, vemos emergir marcas da dor significadas como corte e como morte que irrompem, na atualidade do acontecimento, deslocando sentidos, abrindo espaços de deriva, nos quais é possível recuperar indícios da memória discursiva – vozes das situações de dor vivenciadas pela adolescente/escrevente; do discurso biomédico (em especial do campo da Saúde Mental); dos encontros vivenciados no CAPSij e da prática de escrita que resultou destes encontros. Sendo a dor um Outro que constitui o sujeito (adolescente/escrevente); este, atravessado pelo outro do já-dito, escreve sobre a (sua) dor e, no encontro com o outro da interlocução, endereça a dor a uma escuta também constituída pela alteridade. É no *acontecimento* que as (re) significações da dor (como corte e como morte) podem se mostrar, não mais apenas na pele, mas, também, na escrita.

Referências

ALVAREZ, P. H. Apontamentos sobre a noção de assujeitamento na análise de discurso pecheutiana. *Revista CBTECLE*, São Paulo, v. 8, n. 1, jun./2024. Disponível em: <https://revista.cbtecle.com.br/index.php/CBTECLE/article/view/1173>. Acesso em: 18 nov. 2024.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*: DSM-5-TR Traduzido. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a opacidade e a transparência*: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

AUTHIER-REVUZ, J. Dizer ao outro no já-dito: interferências de alteridades – interlocutiva e interdiscursiva – no coração do dizer. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 6-20, jan./mar. 2011.

BAGNO, M. *Gramática pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Panorama dos suicídios e lesões autoprovocadas no Brasil de 2010 a 2021*: Boletim epidemiológico. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. Ministério da Saúde. Brasília, 2024. v. 55. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2024/boletim-epidemiologico-volume-55-no-04.pdf/view>. Acesso em: 18 nov. 2024.

CORRÊA, M. L. Bases teóricas para o ensino da escrita. *Linguagem em (dis)curso*. Tubarão, v. 13, n. 3, p. 481-513, set./dez. 2013.

EVARISTO, C. *Olhos D'água*. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

GUERRERO, E., ANDREASSON, K.; LARSEN, L. *et al.* Zero Self-Harm app: a mobile phone application to reduce non-suicidal self-injury – study protocol for a randomized controlled trial. *Trials*, v. 25, n. 116, 2024. Disponível em: <https://trialsjournal.biomedcentral.com/articles/10.1186/s13063-024-07932-1>. Acesso em: 18 nov. 2024.

HLÁDEK, D.; STAŠ, J.; PLEVA, M. Survey of Automatic Spelling Correction. *Electronics*, v. 9, n. 10, p. 1670, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/346206262_Survey_of_Automatic_Spelling_Correction. Acesso em: 30 jan. 2026.

LE BRETON, D. Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, v. 16, n. 33, p. 25-40, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/KJyqh8ryDjNzrsdJx7wF7wv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2024.

MACEDO, M. Decifro-me ou me devoro: dor psíquica e autodestrutividade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 53, n. 4, p. 209-223, out./ dez. 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2019000400014. Acesso em 18 nov. 2024.

PARK, J. W.; WYMAN, A.; BEAUCHAINE T. The Natural Language Processing in Etiology: Distinguishing Suicidal Ideation (SI) and Nonsuicidal Self-Injury (NSSI) on Social Media. *PsyArXiv*, University of Notre Dame, Notre Dame, USA, 2023. Disponível em: <https://osf.io/preprints/psyarxiv/b89js>. Acesso em: 18 nov.2024.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni P. Orlandi. 7. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

TFOUNI, L. Letramento e autoria: dispersão e deriva dos sentidos. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 1, p. 1-20, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/349593869_Letramento_e_autoria_dispersao_e_deriva_dos_sentidos. Acesso em: 30 jan. 2026.

Anexo

“Acabei de ter uma briga bem feia com meu pai eu o enfrentei ele queria me bater então eu ó enfrentei e falei acaba logo com isto me mate tudo começou quando meu pai demorou muito pra vir embora pra a casa aí minha mãe brigou com ele aí ele a ofendeu enquanto eles brigavam eu fui tomar remédio foi aí que ele disse que era pra para de gracinha poisé eu sou uma cobra só pelo fato deu ter brigado com a irmã dele ele falou que eu deveria me quebrar no meio por conta disso aí eu enfrentei ele e falei vamos me bata aí ele ficou sem reação e foi pra a sala e eu fui pra o meu quarto mais as coisas só piorou quando ele fez aquele maldito discurso de bom pai que sacrificou sua vida para cuidar de mim então eu gritei EU Não Pedi Para Nascer aí ele veio pra cima de mim e segurou meu pescoço aí minha mãe entrou no meio depois ele ficou falando que eu não estou doente coisa alguma é falou que eu sou o diabo (quem me dera ser o diabo) falou que eu sou um cobra ingrata eu fracassada é tudo mais estou morando de raiva eu peguei uma lâmina de barbear pra me contar consegui fazer só um risquinho na pele aí eu acabei perdendo a lâmina ele disse que eu fico conspirando para minha mãe sair de casa e que eu sou manipuladora e tudo mais . Sabe socorro estou cansada . Aaaa ele ameaçou a minha mãe de morte se ele sair de casa eu sabia que isto ia acabar acontecendo ele reclamou que eu não como direito só com bem quando tem coisas boas para comer então eu disse eu arrumei um emprego vc me deixou ir aí ela disse que não está na hora mais e claro ele estava gritando e eu também eu não sei se quero continuar tentando sei que a minha situação não é muito difícil mas sinceramente hoje pra mim foi a gota da água eu o odeio meu pai estou querendo matar ele sei que é errado mais ninguém faz nada pra mudar minha situação minha mãe coitada não consegue fazer nada minha tia já ofereceu a casa dela pra a gente ficar mais eu não sei pocha com eu queria poder decidir a minha vida só falta 3 anos para mim ser maior de idade mais não sei se vou aguentar esperar muito tempo amanhã o P.⁹ infelizmente meu pai disse que vai começar a me maltratar e nem minha mãe vai poder entrar no meio sabe quando bate quelé arrependimento de der melhorado da anorexia nervosa para que viver assim porque continua agora são 10:15 da noite todos estão dormindo estou com uma vontade de pegar meus medicamentos e tomar tudo de uma vez mais pra chegar a coisa é meio difícil pois com o chão e de madeira faz muito barulho aí eles vão perceber os meus remédios fica encima do armário da cozinha mais acho que vou tentar dormir pra ver se passa.”

9 O nome do pai da adolescente foi omitido para mantermos o sigilo na pesquisa.